

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CASA

15 de Maio de 2026

Two Lovers / 2008

DUPLO AMOR

um filme de JAMES GRAY

Realização: James Gray *Argumento:* James Gray, Ric Menello *Fotografia:* Joaquín Baça-Asay *Montagem:* John Axelrad *Som:* Douglas Murray (*desenho de som*) *Design de produção:* Happy Masee *Direcção Artística:* Marc Benacerraf, Pete Zumba *Cenários:* Carol Silverman *Guarda-roupa:* Michael Clancy *Efeitos Especiais:* Drew Jiritano *Efeitos Visuais:* Company 3 *Duplos:* Roy Farfel (*coordenação*) *Interpretação:* Joaquin Phoenix (Leonard Kraditor), Isabella Rossellini (Ruth Kraditor), Vinessa Shaw (Sandra Cohen), Gwyneth Paltrow (Michelle Rausch), Moni Moshonov (Reuben Kraditor), Julie Budd (Carol Cohen), Bob Ari (Michael Cohen), Iain J. Bopp (David Cohen), Elias Koteas (Ronald Blatt), Samantha Ivers (Stephanie), Jeanine Serralles (Dayna), Miguel Rivera (Antonio), Anne Joyce (a ex-noiva de Leonard), Elliot Villar, Craig Walker, Carmen M. Herlihy, Donald John Hewitt, Christian Albrizio, etc.

Produção: 2929 Productions, Tempesta Films (Estados Unidos, 2008) *Produtores:* Donna Gigliotti, James Gray, Anthony Katagas *Co-produtores:* Couper Samuelson, CMike Upton *Produtores executivos:* Marc Butan, Mark Cuban, Agnès Mentre, Todd Wagner *Data de estreia:* 19 de Maio de 2008, no Festival Internacional de Cinema de Cannes *Estreia comercial em Portugal:* 30 de Junho de 2009 *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português, 110 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 25 de Maio de 2012 (“O Que Quero Ver”).

O quarto filme de James Gray, o americano nascido em 1969 que começou a fazê-los pelos vinte e cinco anos oferecendo a um círculo de admiradores o gosto de o reconhecerem como um dos mais estimulantes novos realizadores americanos, alinha com os anteriores na construção de um universo que conta com as questões da família, das comunidades de origem emigrante arreigadas à noção de identidade e a cidade de Nova Iorque. A acção dramática de TWO LOVERS – operática talvez seja o termo certo – compõe-se na sintonia de uma mise-en-scène de movimentos, espaços, cores, elementos sonoros, atenção às personagens, à geografia dos seus cenários, origens e tradições, aos pormenores. LITTLE ODESSA (1994), THE YARDS (2000) e WE OWN THE NIGHT (2007), estes dois últimos, igualmente protagonizados por Joaquin Phoenix (também seu actor em THE IMMIGRANT, 2013), em quem Gray descobriu uma espécie de alter ego, tinham ainda como linha comum o facto de serem declinações em enredos policiais, ponto ausente em TWO LOVERS. Trata-se de uma história de amor protagonizada por um homem clinicamente bipolar, emocionalmente magoado, indeciso entre duas raparigas que respondem ao *cliché* – a morena e a loira –, mas ao contrário do *cliché* ambas jovens e sedutoras, basicamente representando dois mundos possíveis para a personagem, o “natural” e o “não natural”. A “história” do filme faz-se nesse balanço, ponderando o que pode ser escapável e inescapável.

A dimensão romântica de TWO LOVERS, aliada ao facto de este ter sido uma quebra de regra na filmografia de Gray no sentido de ser o único dos seus filmes que surgiu num curto espaço de tempo relativamente ao anterior (separa-o um ano de WE OWN THE NIGHT contrariando os mais longos intervalos que distam entre os restantes), começou por influenciar a sua recepção. À superfície mais diferente dos Gray anteriores, TWO LOVERS vai ao encontro deles em profundidade, seguindo o salto inicial de Phoenix/Leonard da ponte para as águas da baía de Sheepshead, em Brooklyn, de onde pouco depois se salva voltando encharcado para casa dos pais como quem, em vez de uma tentativa de suicídio, acabou de ter um mero percalço. A imagem é cinzenta-azulada, o som, o de batidas cardíacas que ressoam no silêncio dessa abertura, ganhando nova reverberação no contraste com o primeiro interior da casa da família Kraditor, quente, nos tons dourados dos espaços comuns, paredes adornadas por uma galeria de fotografias de família que sedimentam a história de várias gerações. À percepção da diferença de TWO LOVERS relativamente aos filmes anteriores, Gray respondeu na altura de forma justa notando como lhe interessou trabalhar a mesma autenticidade da emoção, mas sem a parafernália dos dramas policiais e centrando-se na dimensão de absurdo do estado de apaixonado, que caracteriza a personagem de Leonard e a sua travessia no filme (“O estado de quem está apaixonado é inevitavelmente ridículo. Mas é justamente desse ridículo que nasce um *pathos*”).

A literatura sentimental e a tragédia operática andam por aqui, anúncio. A inspiração mais transparente, notada e reconhecida, é a de *Noites Brancas*, o livro de Dostoievski e, sobretudo, a sua adaptação por Visconti (LE NOTTE BIANCHE, 1957). Mas há outras, vindas do cinema, Hitchcock (VERTIGO, a projecção da paixão aqui vivida por Leonard na personagem de Gwyneth Paltrow/Michelle, a vizinha da janela em frente) e menos perceptivelmente Fellini (LE NOTTI DI CABIRIA e LA STRADA, a que Gray disse ter ido buscar a ideia do fim na praia, Brighton Beach, o mesmo cenário de LITTLE ODESSA e das origens familiares de Gray). Mas é de *inspirações*, não de citações que se trata, e de inspirações transfiguradas por um olhar vincadamente pessoal – as citações até lá estão, mas para servir a caracterização das personagens, “filhos dos anos setenta” como Gray: 2001 ODISSEIA NO ESPAÇO em cartaz no quarto de Leonard; THE SOUND OF MUSIC na boca de Sandra/Vinessa Shaw, dois lugares-comuns. Pondo em cena relações familiares de proximidade e conflito, obrigações, expectativas e ansiedades indissociáveis, questões de género à parte (o criminal, o melodrama), os filmes de James Gray tratam do confronto das suas personagens com a ideia do destino que lhes está reservado, do tempo e do espaço que é suposto pertencer-lhes, fazendo da resistência e aceitação o caminho a percorrer, normalmente estranho.

Destino, fatalismo são ideias recorrentes nas análises dos filmes de Gray. TWO LOVERS vem acentuar-lhes a razão integrando na banda musical um fado português, de Alfredo Marceneiro por Amália Rodrigues, *Estranha Forma de Vida* (confissão de Gray citado numa crítica da francesa *Trafic*, “Le premier fado à New York”, foi um tema que ouviu muito quando preparava o filme). Como a maior parte dos muitos outros temas do filme (os créditos finais dão a medida da sua presença em TWO LOVERS), é quase subliminarmente que o fado surge, em surdina, no fundo sonoro de uma das cenas de Leonard/Sandra interrompida por um telefonema de Michelle com a praia como vista para lá das grandes janelas do restaurante onde os dois se encontram. É uma bela característica de Gray, fazer habitar os seus filmes de uma profusão de elementos de cuja intenção nem por um segundo se duvida uma vez notados, mas que figuram como presenças convocadas para a criação do ambiente de que o filme vive, sem efeitos de ampliação. O minimalismo está exemplificado na maneira como este fado entra pela dita cena. Pode até nem se reparar nele (a um português dificilmente escapará), mas a cena tem essa sintonia, há *um tom* que faz com que exista comunhão nos planos e que por sua vez os planos comunguem de uma mesma atmosfera, precisa, consistente nas impressões que transmite.

A ideia é transversal, aponta para a expressividade não intrusiva dos múltiplos elementos, visuais e sonoros. Exemplos narrativos: a cena na discoteca em que a bem desembrulhada *performance* de Leonard na pista de dança para os olhos de Michelle deixa subentendida a existência de uma vivência social prévia àquele momento na sua vida; a cena em que Isabella Rossellini/Ruth menciona de passagem a data de expiração de um cartão de crédito, o que não pode acontecer senão para clarificar como aquela é uma história de Nova Iorque anterior ao 11 de Setembro de 2001. Exemplo cénico: a credibilidade do apartamento da família Kreditor, já notada a propósito da presença específica dos adereços/fotografias; o achado do terraço exposto ao vento, aos pombos e à vista de Nova Iorque como espaço para os encontros de Leonard e Michelle. Exemplo visual: o trabalho das cores, nos exteriores e nos interiores, dado fundamental nos filmes de Gray, é aqui levado ao limite da ideia da imersão do filme nos tons frios que acompanham Leonard, mesmo nos momentos de felicidade (os azuis acinzentados ou os cinzentos-esverdeados) por contraponto aos ambientes quentes dos espaços familiares que, no entanto, do ponto de vista da personagem, não deixam de representar um horizonte sufocante (ou sufocado). Em contraponto ainda, do lado da fantasia, a viagem de táxi de Brooklyn para a alta de Manhattan onde Leonard vai ao encontro de Michelle e do seu amante casado, é o momento do filme que dá a ver a ilusão do recorte luminoso da noite de Nova Iorque, em acordo com o estado atordoado do protagonista, incandescente. Um último reparo: a aura vítria que envolve a chegada de Michelle às traseiras do prédio quando vem defraudar a possibilidade de Leonard escapar ao (seu) desfecho.

Fica por dizer que TWO LOVERS é um filme em justo balanço entre a vulnerabilidade e o estoicismo de Leonard. Que as cenas estão construídas a partir da ideia binária do título. Que todas as personagens são comoventes, que a mãe interpretada por Isabella Rossellini é um susto admirável.

Maria João Madeira